

Segundo John Thornton, a escravidão era amplamente difundida na África, e seu crescimento e desenvolvimento foi muito independente do comércio atlântico, exceto que, à medida que esse comércio estimulou o comércio interno e seus desdobramentos, ele também ocasionou uma escravização mais intensa. *O comércio atlântico de escravos foi o resultado dessa escravidão interna.* Seu impacto demográfico, no entanto, mesmo nos estágios iniciais foi significativo, mas as pessoas prejudicadas não foram aquelas que decidiram participar [do comércio de escravos].



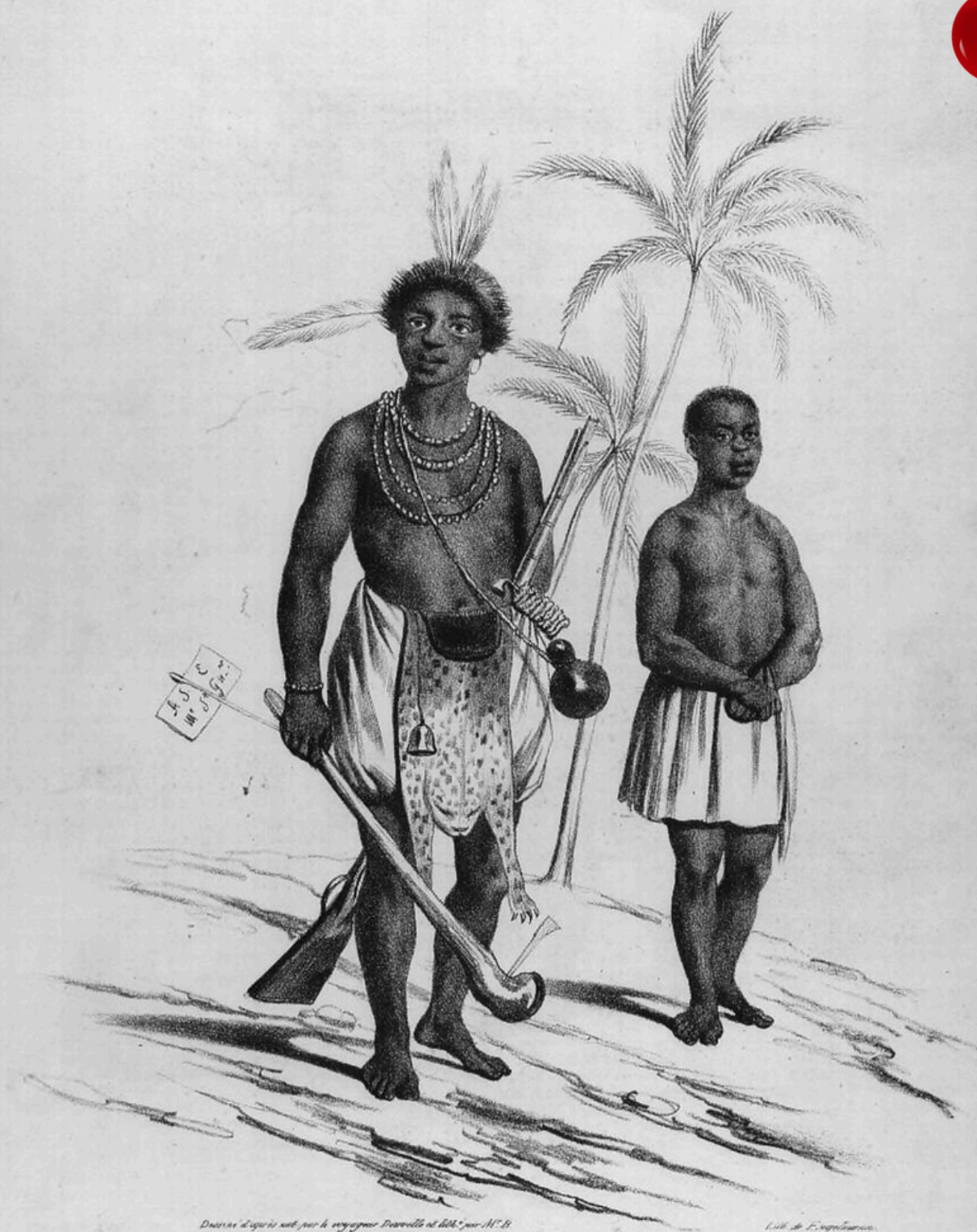
Relief plaque depicting a king (oba) and four attendants.  
16th century

© Staatliche Museen zu Berlin, Ethnologisches Museum

Pode-se, portanto, concluir que o comércio atlântico de escravos e a participação da África tinham sólidas origens nas sociedades e sistemas legais africanos. A instituição da escravatura era disseminada na África e aceita em todas as regiões exportadoras, e a captura, a compra, o transporte e a venda de escravos eram circunstâncias normais na sociedade africana.

A organização social preexistente foi, assim, muito mais responsável do que qualquer força externa para o desenvolvimento do comércio atlântico de escravos (Thornton, 2004, p.152).

{ BnF | Bibliothèque nationale de France



*Dessiné d'après une gravure de l'époque de la traite, par M. B.*

*Empucasseiro.*

*(Soleil nègre dans les possessions portugaises conduisant un esclave.)*



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br



Constatou-se que a África não estava sob qualquer pressão comercial e econômica para negociar com escravos. Além disso, vimos que africanos aceitavam a instituição da escravidão em suas próprias sociedades, mas que o papel especial dos escravos [ao invés da terra] como propriedade produtiva privada levou à disseminação da escravidão. No início, os europeus só participaram de mercados de escravos já existentes. Não obstante, esses por si só não explicam o comércio de escravos. Existem especialistas que argumentam que, embora os europeus não tivessem invadido o continente e capturado os escravos, eles promoveram, no entanto, sua comercialização por meio de uma pressão militar importante, como cavalos e armas de fogo.

(Thornton, 2004, p.153)



Nesse cenário - o ciclo arma / escravo ou cavalo / escravo -, os africanos foram impelidos a negociar escravos, porque sem esse comércio eles não poderiam obter a tecnologia militar necessária (armas e cavalos) para se defender de inimigos. Ademais, a posse de tecnologia tornava-os mais capazes de conseguir escravos, pois guerras bem-sucedidas lhes garantiam grandes suprimentos [de cativos de guerra].

(Thornton, 2004, p.153)



Os escravos eram muito importantes e numerosos nas sociedades africanas. Do mesmo modo, como sugerimos, as exportações tendiam a se direcionar aos escravos recentemente capturados e que não haviam encontrado um lugar na sociedade de seus capttores. *Esse aspecto da escravidão enfatiza as decisões dos africanos em relação à escolha dos escravos a serem vendidos para os europeus e quando.* Essas decisões eram, por sua vez, um produto de uma situação específica em cada país, envolvendo preço e disponibilidade de escravos. Em larga medida, a decisão de participar do comércio atlântico requeria condições especiais, e os países com frequência entravam e saíam do comércio.

Os motivos que levaram uma região da África a desistir de vender escravos para compradores europeus evidenciam-se nos casos do Congo e Benim.

(Thornton, 2004, p.167)

Em resumo, pode-se dizer que, não obstante a ajuda das armas europeias a governantes africanos em algumas guerras, em alguns casos elas não tiveram uma importância decisiva. Não é provável que a tecnologia ou a assistência da Europa tenham aumentado as chances de os africanos promoverem guerras bem-sucedidas (como as de Portugal em Angola demonstraram) ou que fizessem os atacantes sofrerem menos perdas. Portanto, os europeus não provocaram uma revolução militar que tenha forçado a participação no comércio atlântico como um preço para a sobrevivência.

(Thornton, 2004, p.174)



Por conseguinte, conclui-se que a participação da África no comércio de escravos foi voluntária e sob o controle dos detentores do poder decisório. E não somente no nível superficial da troca do dia-a-dia, mas mesmo em níveis mais profundos. Os europeus não possuíam os meios, tanto econômicos como militares, para impelir os líderes africanos a vender escravos. (Thornton, 2004, p.185)



Dom Miguel de Castro



Pode-se concluir que a influência da Europa sobre o comércio de escravos não foi significativa no primeiro século e meio, ao se constatar que os africanos possuíam escravos e os comercializavam. Além disso, as formas iniciais da tecnologia militar e a organização europeia não foram críticas para o sucesso dos exércitos africanos. Mas pode-se ainda argumentar que, por fim, os europeus forçaram os africanos a exceder sua capacidade de fornecer escravos em um período posterior, quando demandas elevadas e a tecnologia militar aperfeiçoada tiveram um papel mais importante (Thornton, 2004, p.175).

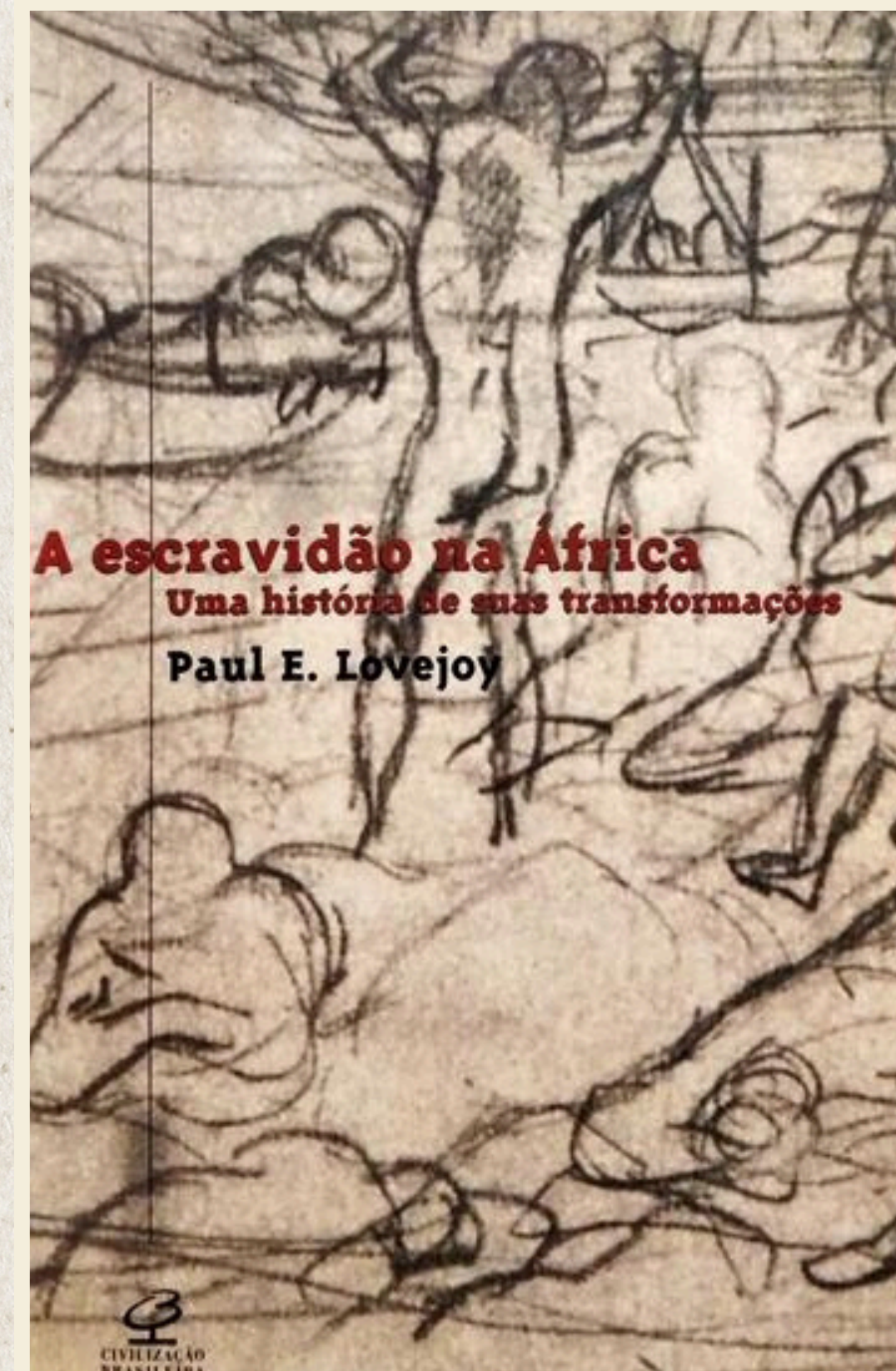


## Agência africana

A determinação da elite comercial e política da África de fornecer escravos deve ser entendida em sua dinâmica interna e histórica. Fatores institucionais predisuseram as sociedades africanas a manter escravos, e o desenvolvimento da economia doméstica encorajou o comércio de larga escala e a posse de escravos muito antes da visita dos europeus ao litoral africano. O aumento das guerras e a instabilidade política em algumas regiões podem ter contribuído para o crescimento do comércio de escravos dessas regiões, porém não se pode afirmar que a demanda de escravos tenha causado a instabilidade política, sobretudo porque nosso conhecimento mostra mais causas internas. Dados os interesses comerciais dos estados africanos e o mercado de escravos nas mãos de proprietários privados, não é surpreendente que os africanos tenham sido capazes de responder às solicitações, desde que os preços os atraíssem (Thornton, 2004, p.185).



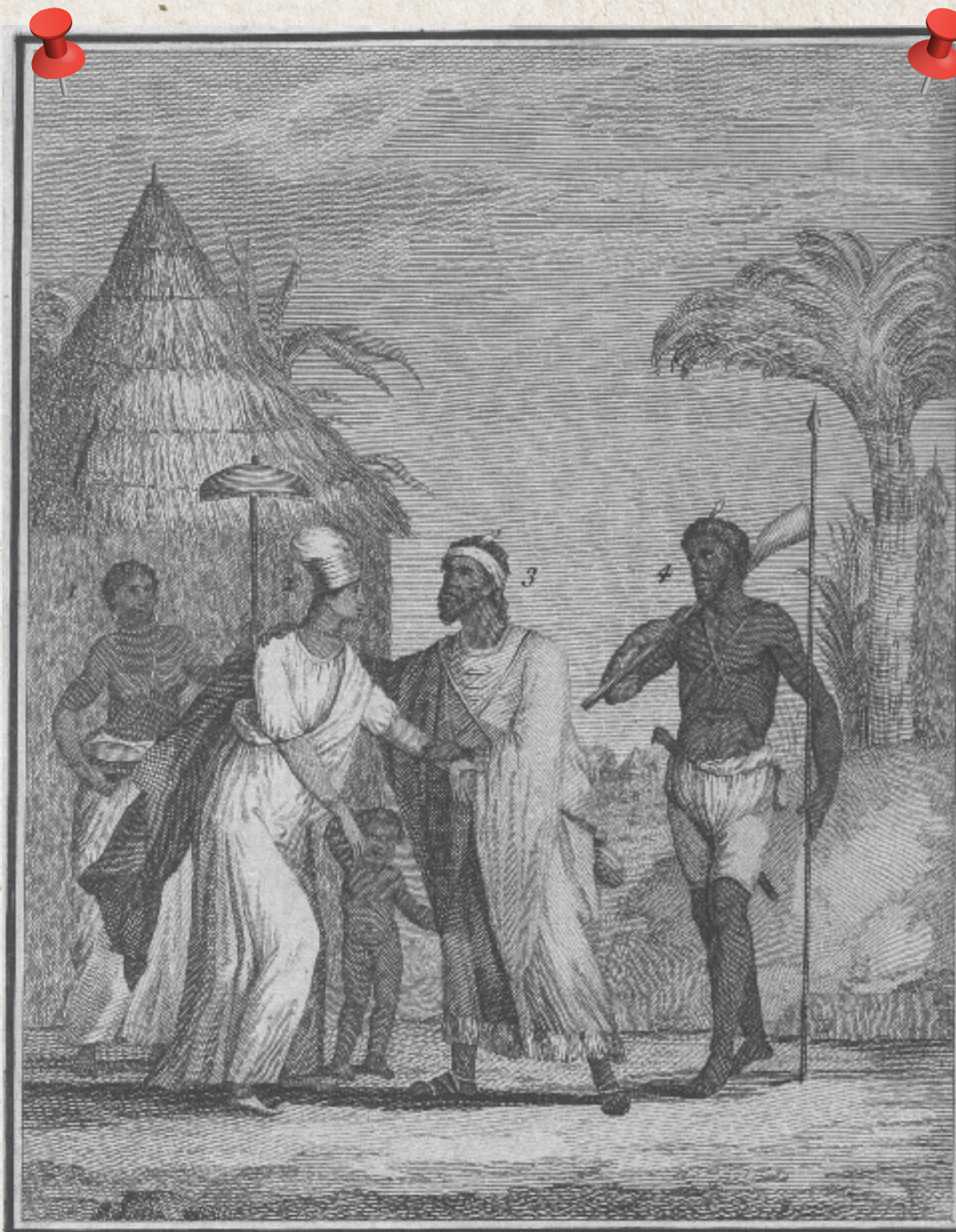
A história da escravidão envolvia a interação entre a escravização, o tráfico de escravos e a utilização de cativos na própria África. Um exame dessa interação demonstra a emergência de um sistema de escravidão que era fundamental para a economia política de muitas regiões do continente. Esse sistema se expandiu até as últimas décadas do século XIX. O processo de escravização aumentou; o comércio cresceu em resposta aos novos e maiores mercados, e a utilização de escravos na África tornou-se mais comum. Relacionada com a articulação desse sistema, com as suas ligações estruturais com outras partes do mundo, estava a consolidação dentro da África de uma estrutura política e social que contava em muito com a escravidão. A produção dependia, em graus variados, do trabalho escravo. O poder político contava com exércitos de escravos. O comércio exterior envolvia a venda de escravos, muitas vezes como mercadoria principal (Lovejoy, 2002: 56).



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br





1. Negresse esclave . 2. Signare de l'Isle S<sup>t</sup> Louis . 3. Marabou ou Prêtre du Pays . 4. Negre armé en Guerre .

Para Paul Lovejoy (2002:40-41), um "modo de produção escravista" existia quando a estrutura social e econômica de uma determinada sociedade incluía um sistema integrado de escravização, tráfico de escravos e utilização interna de cativos. [...] A ênfase na integração de um sistema produtivo baseado na escravidão com os meios de reabastecer a oferta de escravos tem importância na reconstrução da história da escravidão no seu contexto africano.

{BnF | Bibliothèque nationale de France



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br



## Esclavidão como um modo de produção

O crescimento e a expansão do tráfico europeu de escravos através do oceano Atlântico tiveram um impacto decisivo na evolução da escravidão na África, principalmente naquelas áreas da costa da Guiné onde a influência islâmica tinha sido fraca ou inexistente. (Lovejoy, 2002: 51)



{ BnF | Bibliothèque nationale de France



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br



- 1) Existência de reservas, rotas e logística relativamente estáveis e regulares para abastecimento em cativos;
- 2) Fornecimento regular de cativos para atender a demanda;
- 3) Dissociação entre local de produção e local de utilização ou de emprego da mão-de-obra escravizada;
- 4) Cativo como mercadoria e, por conseguinte, integrado a relações comerciais que pressupõem outras mercadorias;
- 5) Convergência de interesses de grupos de estratos culturais e religiosos distintos.



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

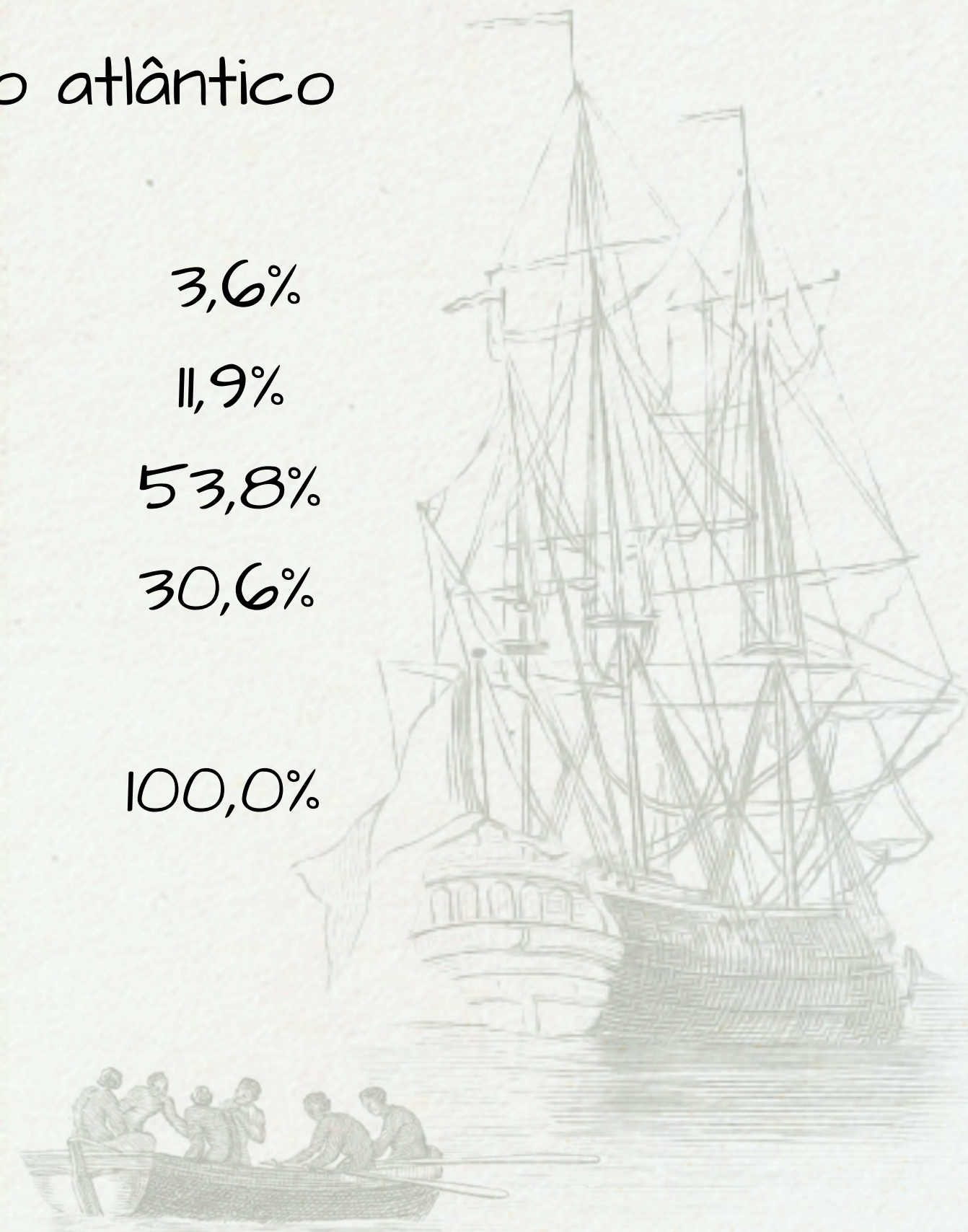
**História da África | HST 7202**  
**Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa**  
[silvio.correa@ufsc.br](mailto:silvio.correa@ufsc.br)



# Exportações de escravos da África: o comércio atlântico

Séc. XV-XVI	1450-1600	409.000	3,6%
Século XVII	1601-1700	1.348.000	11,9%
Século XVIII	1701-1800	6.090.000	53,8%
Século XIX	1801-1900	3.466.000	30,6%
Total		11.313.000	100,0%

Lovejoy, 2002: 51



SLAVEVOYAGES

[www.slavevoyages.org](http://www.slavevoyages.org)

# Principais regiões costeiras de onde os cativos deixaram a África

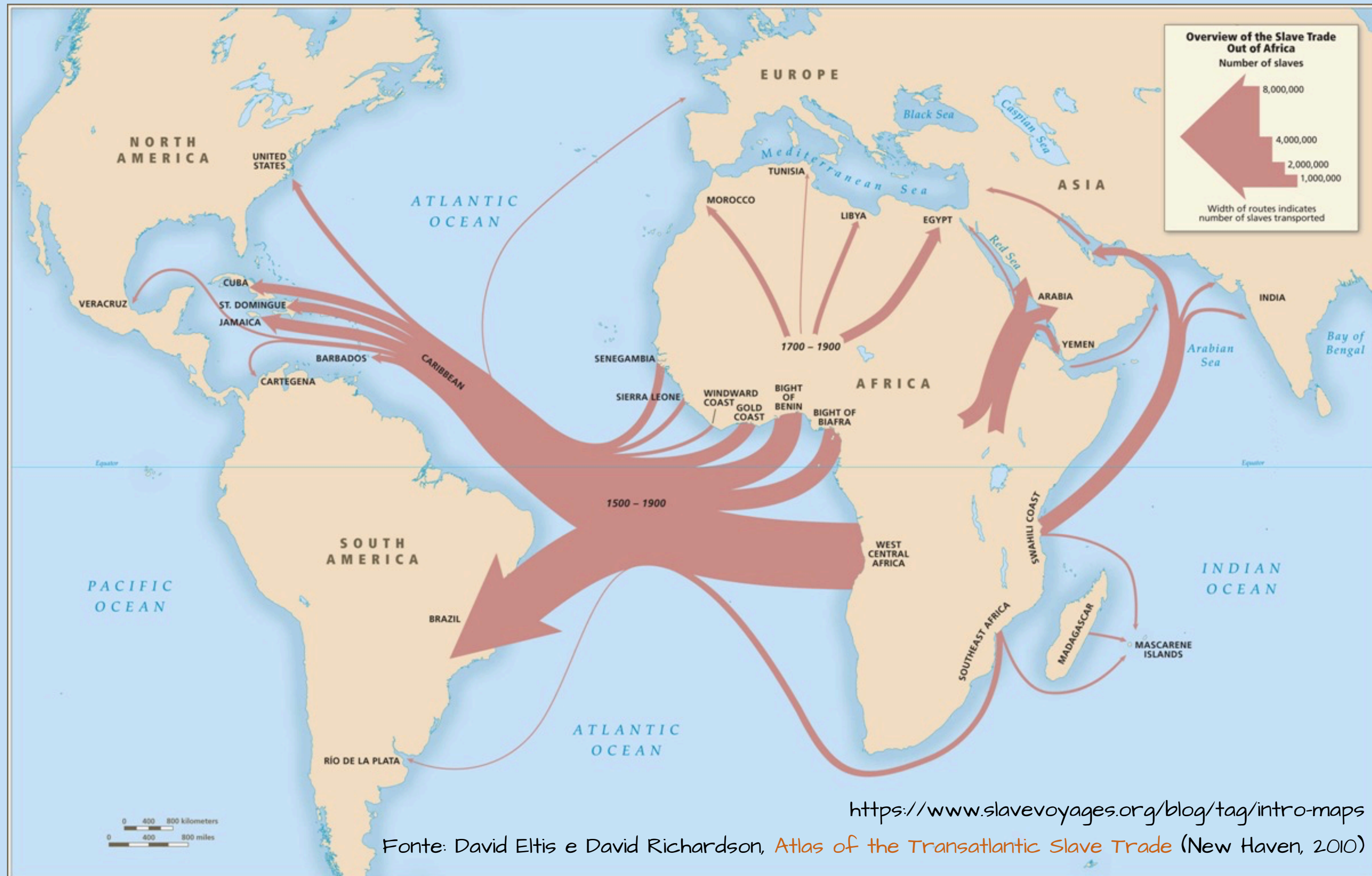
Total de embarques documentados: 7.878.500 cativos  
Porcentagem de embarques estimados: 63,3%

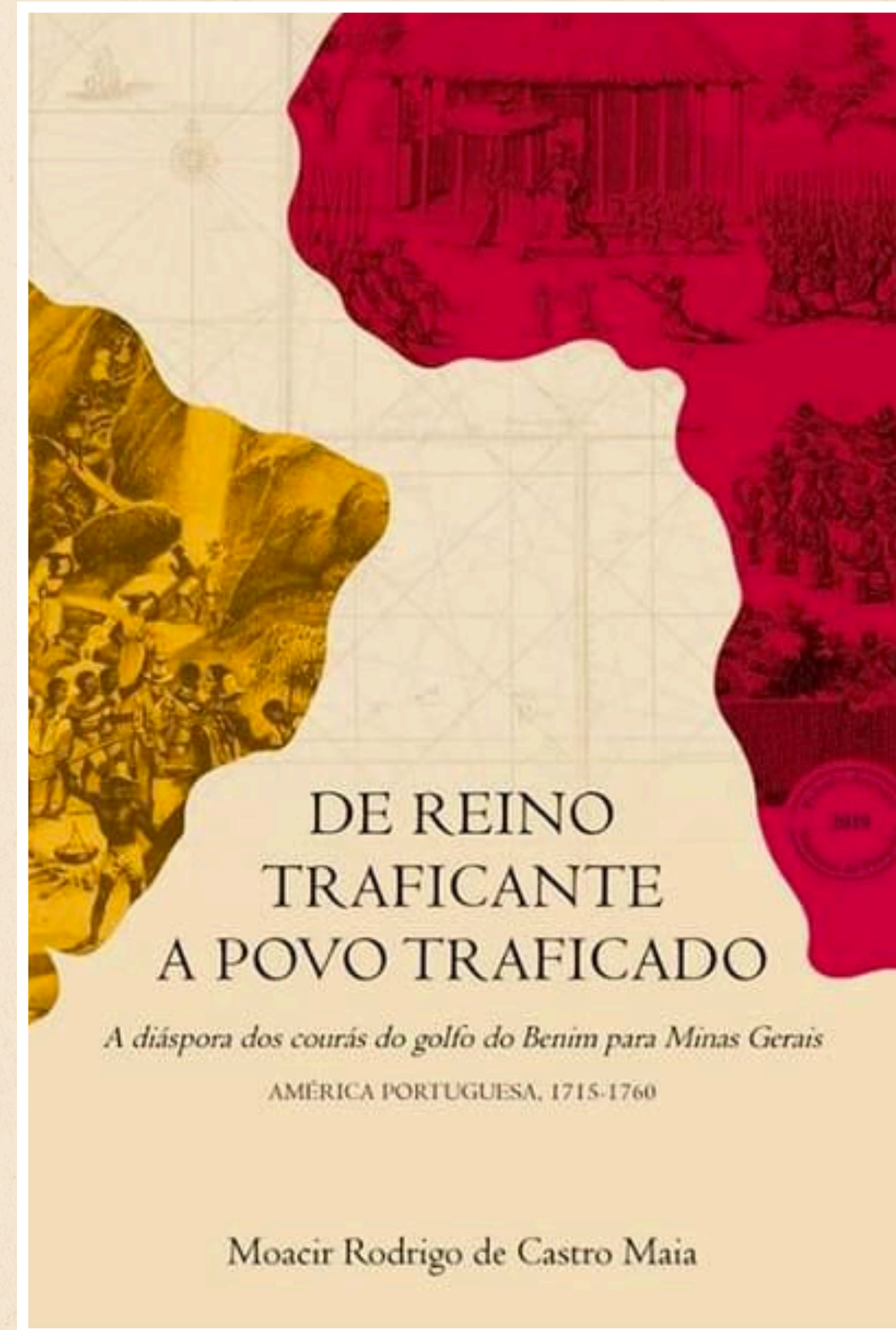
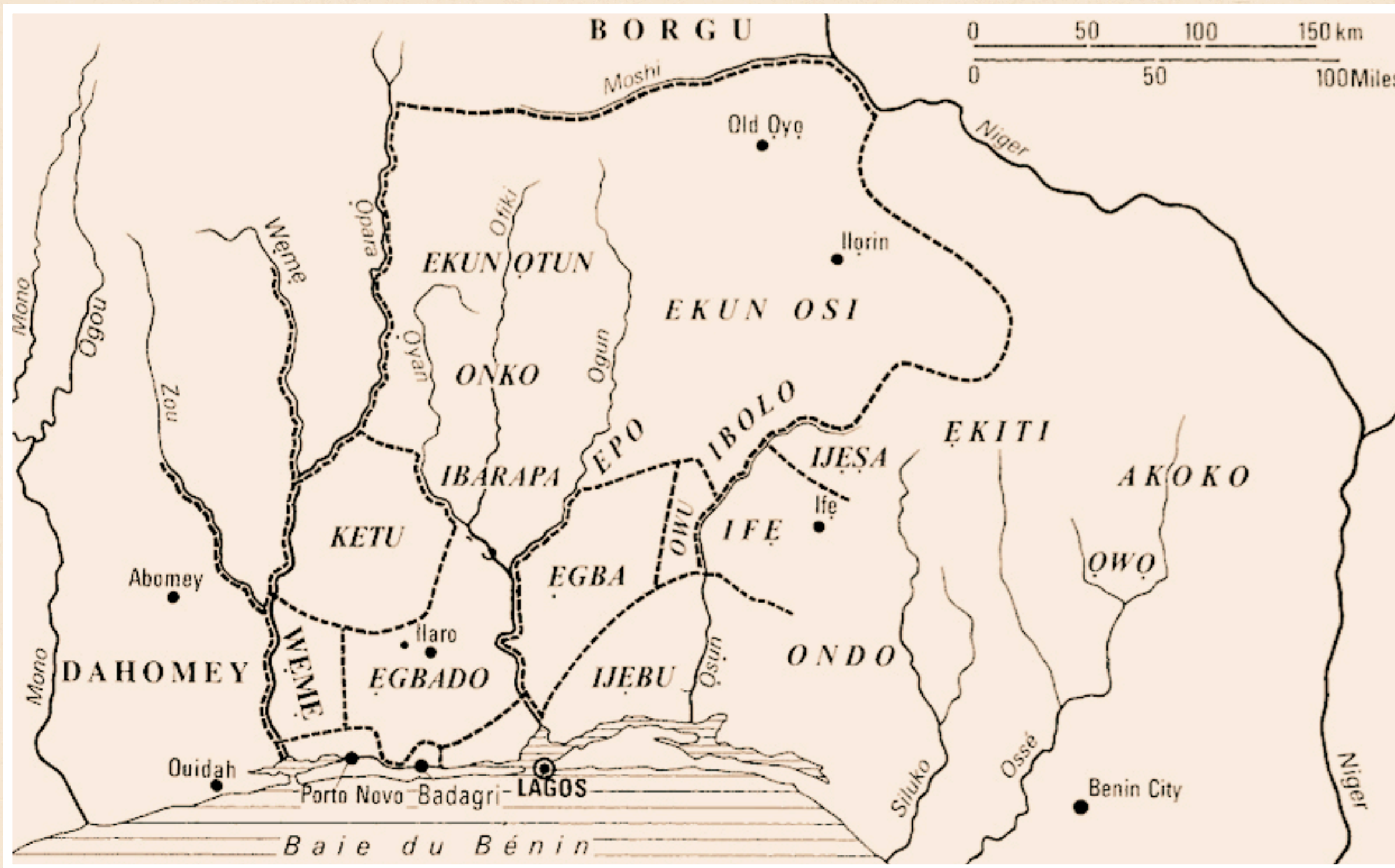


<https://www.slavevoyages.org/blog/tag/intro-maps>

# Visão geral do comércio de escravos fora de África, 1500-1900

O mapa mostra o movimento transatlântico de cativos em perspectiva comparativa desde 1500. As estimativas do comércio marítimo são mais robustas do que as das rotas transsaarianas, do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico, mas estima-se que, durante o período entre o fim do Império Romano e 1900, aproximadamente o mesmo número de cativos que atravessou o Atlântico deixou a África por todas as outras rotas combinadas.

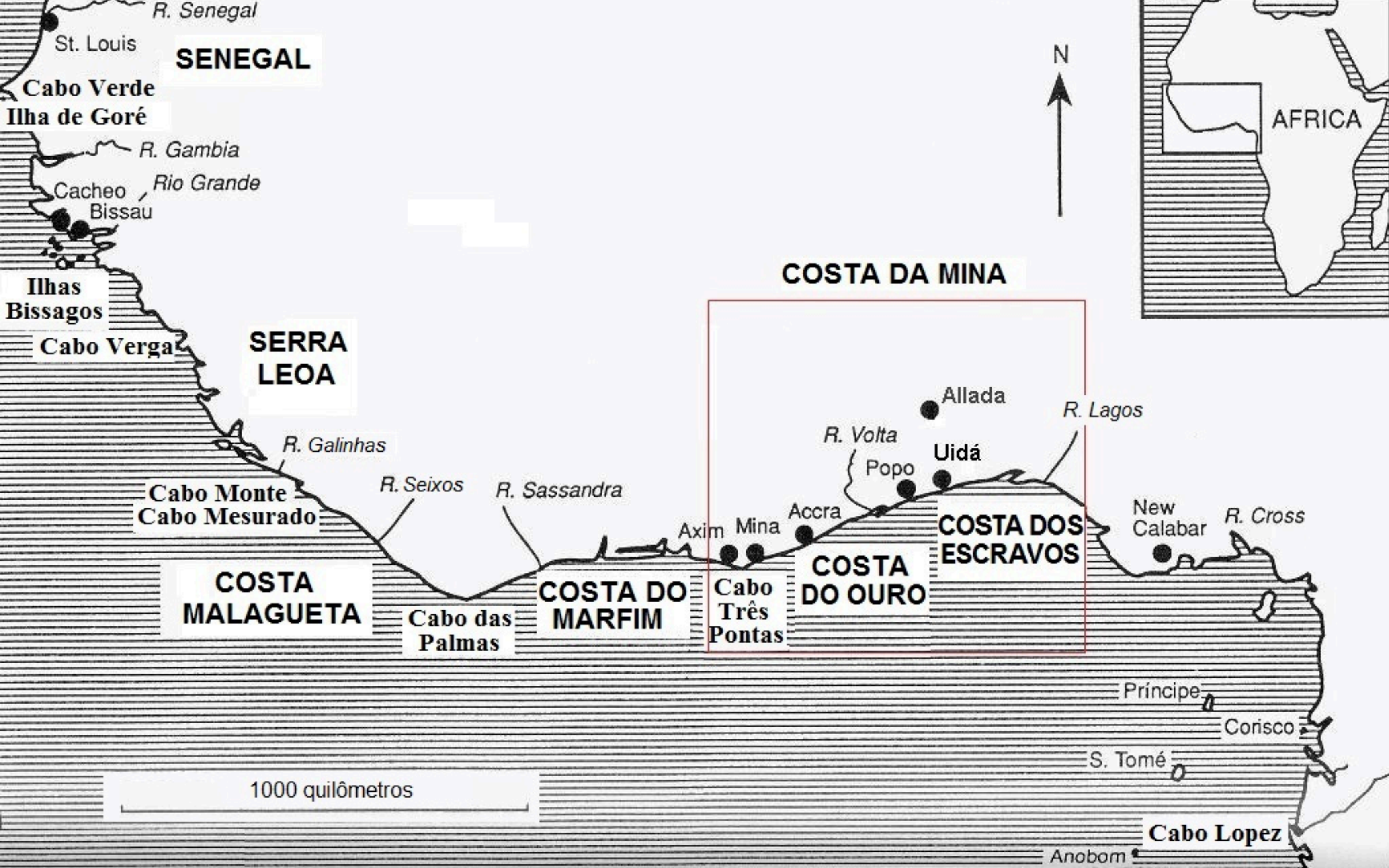




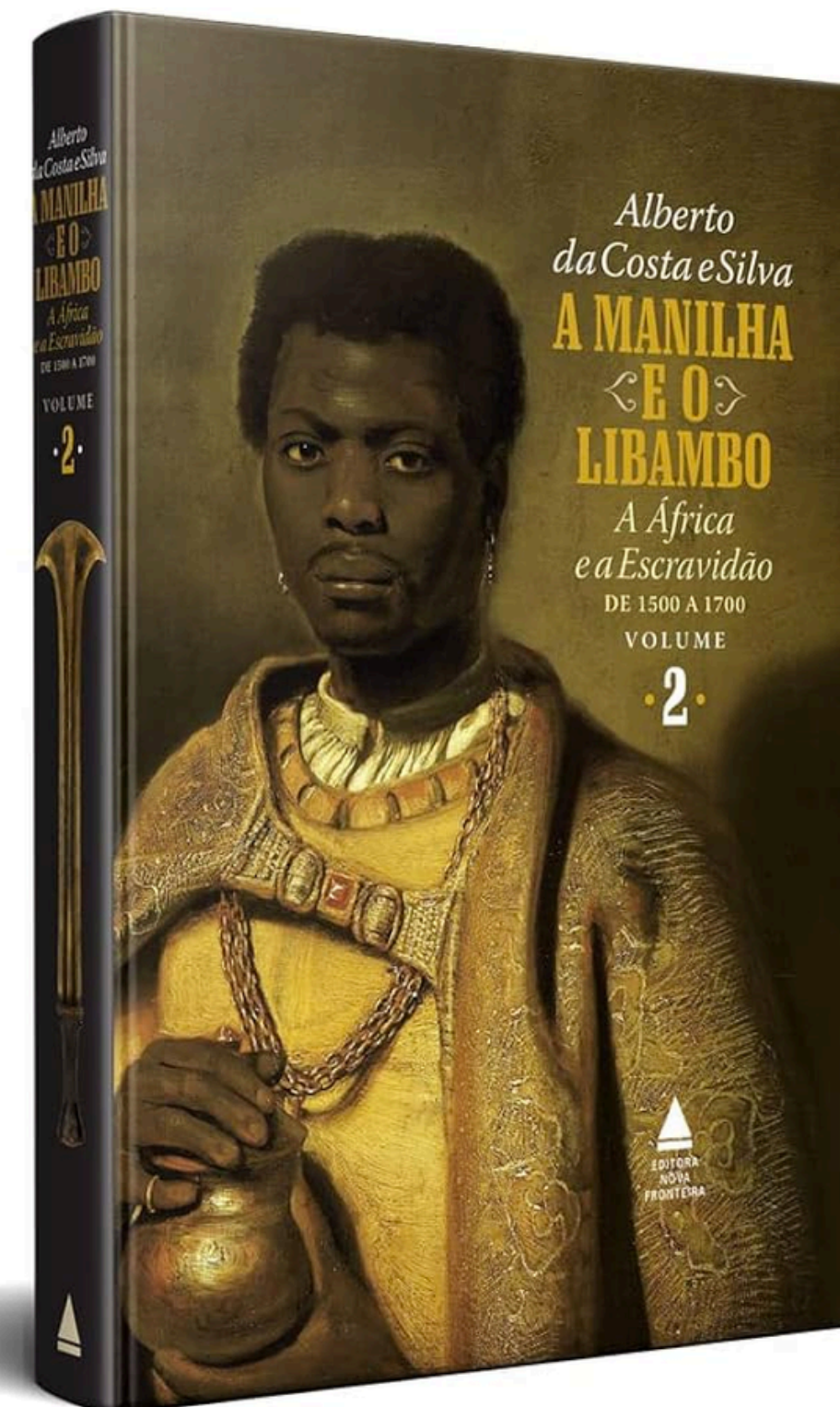
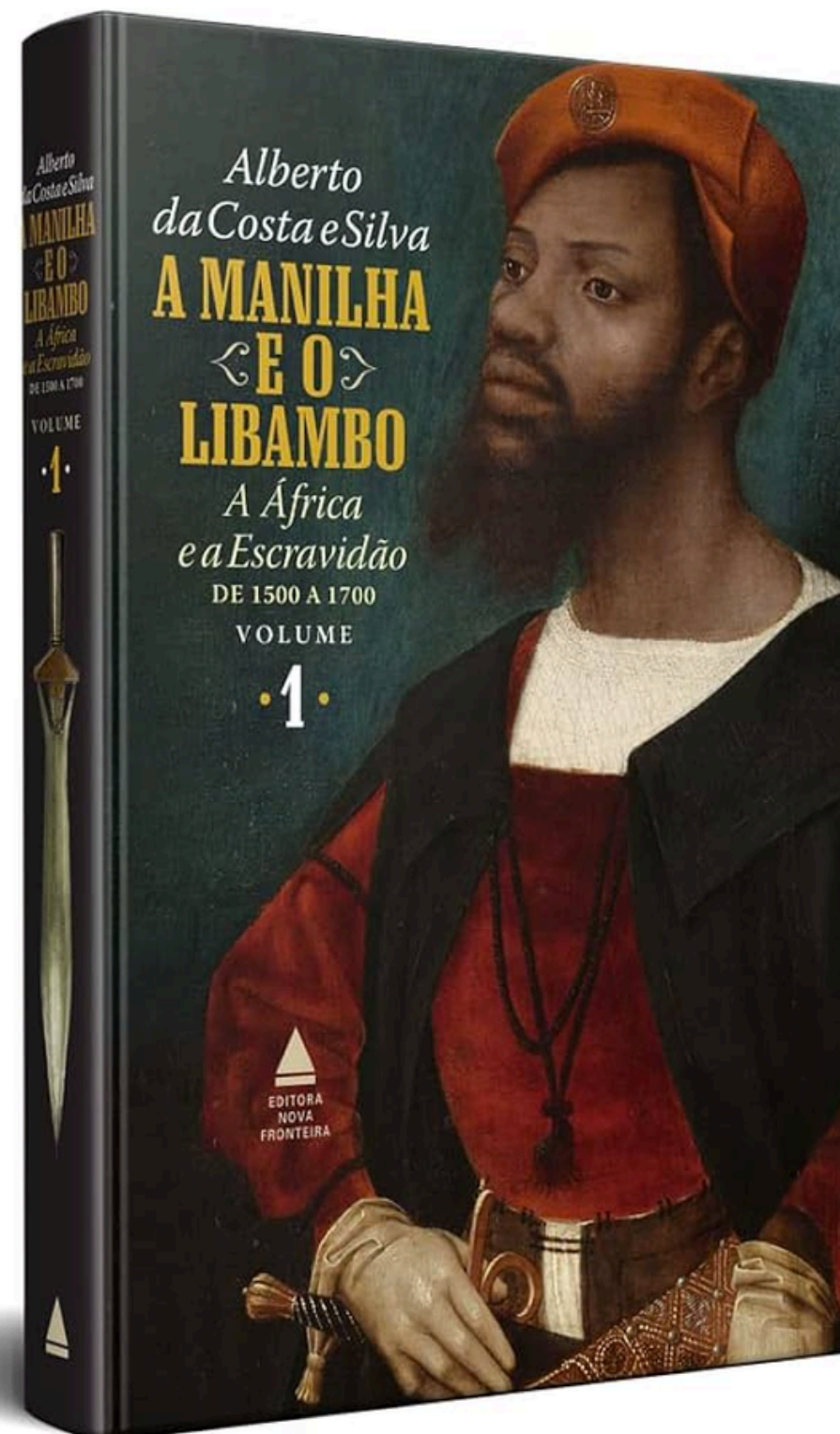
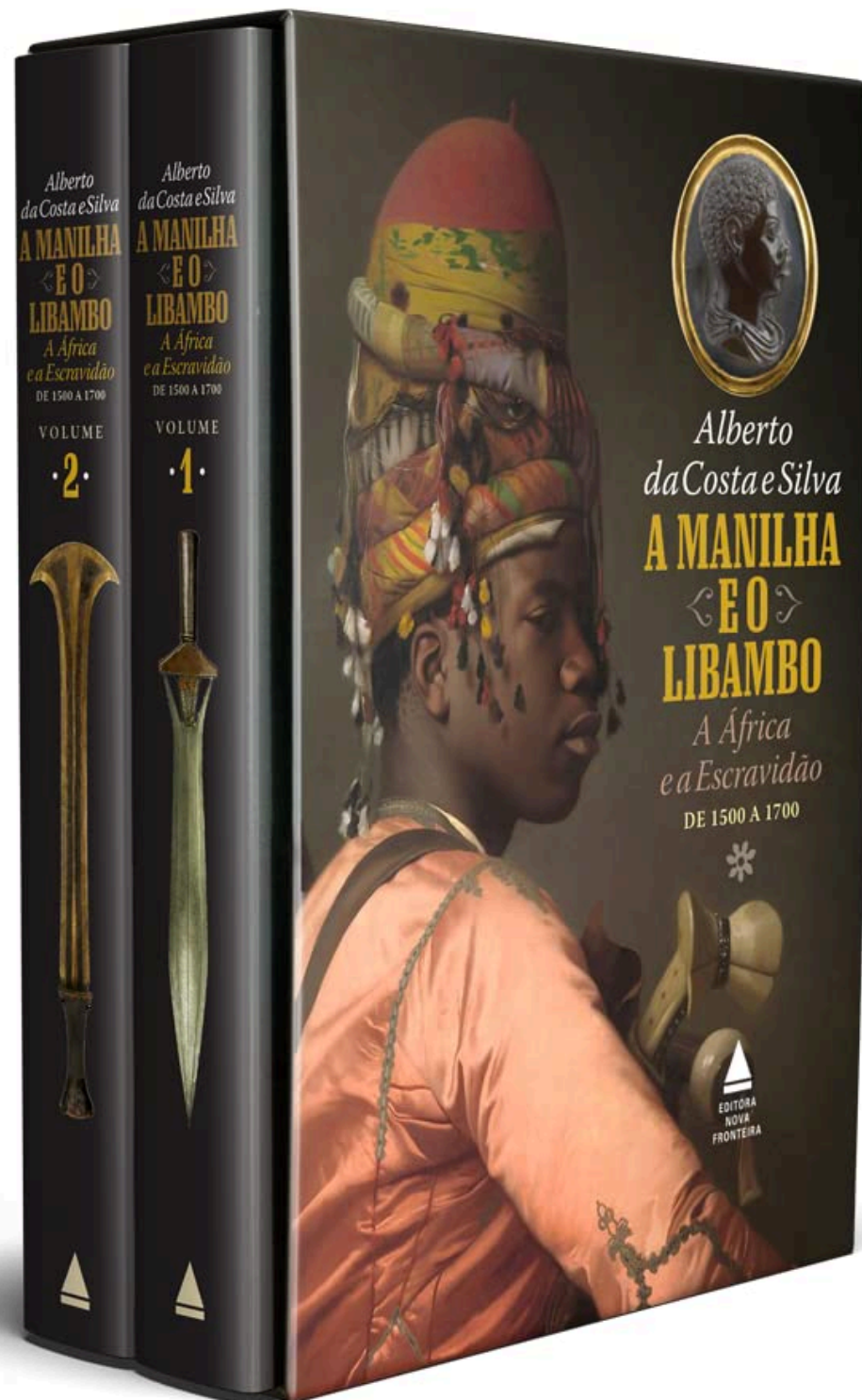
**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br









**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
[silvio.correa@ufsc.br](mailto:silvio.correa@ufsc.br)

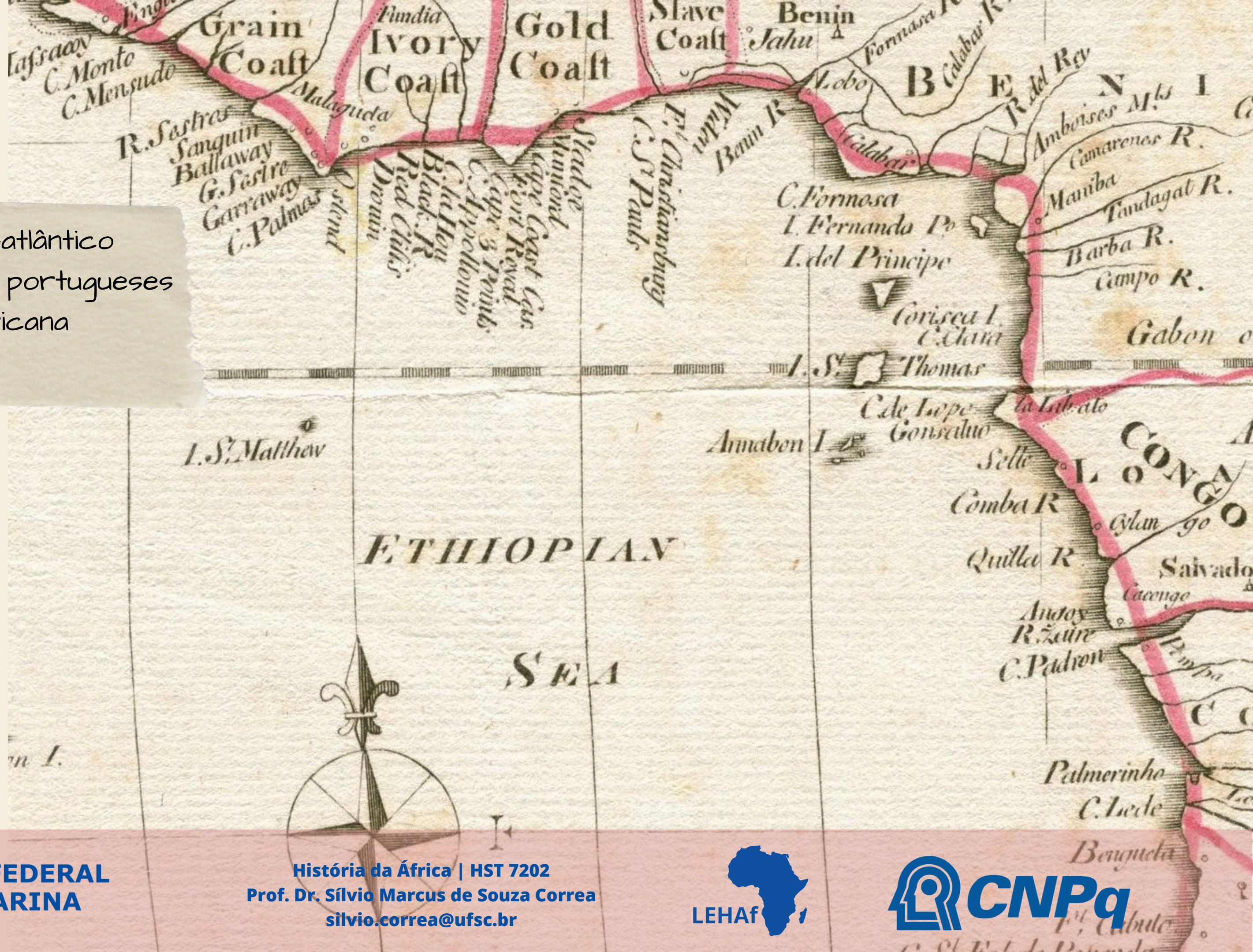


Para Alberto da Costa e Silva, o estudo das relações euro-africanas no reino do Congo deve levar em consideração os interesses convergentes e divergentes de vários grupos sociais, nativos e adventícios.

Por exemplo, a exclusividade das trocas com os portugueses, que se atribuía o soberano, incomodava alguns grandes senhores congueses, desejosos de ter acesso direto às mercadorias de prestígio chegadas do mar. Molestava ademais os moradores da ilha de São Tomé, que tinham recebido do monarca português, em 1493, o privilégio de comerciar livremente em "toda a costa do Manicongo".



O oceano etiópico ou proto-atlântico  
Comércio inter-africano dos portugueses  
A experiência insular luso-africana



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br



Oceanus Æthiopicus  
in the map Guinea  
Propria, Nec Non  
Nigritiae Vel Terrae  
Nigorum-Aethiopia  
Inferior, 1743



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br





Detailed old color example of Jansson's sea chart of the South Atlantic, showing the coastlines of South America, Southwestern Africa and the imagined Terra Australis.

Amsterdam, c. 1650



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br





A política de D. Afonso I para regular o tráfico de escravos deu certo; o projeto europeizador, não. Quando aquele rei faleceu em 1543, já era evidente o malogro. Portugal não fizera a sua parte a contento nem cumpria suas promessas. Esta, porque carecia de meios. Aquela, porque colidia com seus interesses. As outras, porque traído pela torpeza e as ambições humanas. Além de contar com pouca gente para o tamanho de suas empresas, o país estava fascinado pela aventura no Índico e nela comprometido. O Congo não tinha o ouro da Mina e seus escravos não apresentavam o mesmo atrativo que as especiarias, a laca, a porcelana, a seda, os rubis e as esmeraldas asiáticas. Era em Goa que se faziam as fortunas; não em Banza Congo, ou São Salvador, como passara a chamar-se. Para a Índia voltavam-se as prioridades da Coroa Lusitana e as ambições de seus súditos inclinados à aventura.

Da Costa e Silva, Alberto (2002)

A Manilha e o Libambo. A África e a escravidão, p. 378.



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br



Se agricultores, caçadores, pescadores, poteiros, tecelões, fazedores de sal, ferreiros e mineradores de cobre continuaram a trabalhar como dantes e a levar, como sempre tinham feito, suas produções aos mercados, o tráfico com os portugueses criara ou fortalecera uma classe de comerciantes especializados, que transacionavam com produtos estrangeiros e com escravos. Essa nova classe formara-se possivelmente nas fendas que se abriam nas bordas da nobreza e nos interstícios entre ela e seus servidores plebeus. Por outro lado, numa sociedade já fortemente estratificada, a europeização da aristocracia acentuou a separação entre o fidalgo e o homem comum. Este passou a ser cada vez mais explorado por uma nobreza que em boa parte se convertera ao catolicismo, aprendera a ler e se vestia, da porta de casa para fora, à portuguesa.

Da Costa e Silva, Alberto (2002)

A Manilha e o Libambo. A África e a escravidão, p. 380.



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202  
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa  
silvio.correa@ufsc.br

